

Adotar uma cidade como sobrenome é um gesto de pertencimento e, acima de tudo, um manifesto político. Para Gu da Ceil, artista visual e produtor cultural, essa é uma forma de escancarar que a arte pulsa em sua versão mais visceral justamente na periferia. Indo além da representação do território, ele funde a própria trajetória à história viva da Ceilândia.

Gu mescla fotografia, moda, vídeo, intervenção urbana e poesia para criar um amálgama: um todo onde linguagens distintas se fundem. Suas obras carregam um tom provocativo que joga luz sobre pautas urgentes e instiga o espectador a refletir.

O despertar artístico

Entre o agito das ruas e a introspecção de quem brincava sozinho por ser filho único, a Ceilândia é o ambiente que costura as principais lembranças da infância de Gustavo. Filho de pais maranhenses, o artista carrega um laço com o Nordeste que espelha a identidade da cidade, reconhecida oficialmente, em 2019, como a Capital da Cultura Nordestina no Distrito Federal. “Ter contato com essa cultura em casa refletiu muito na minha personalidade”, diz.

Não foi por acaso que Gustavo escolheu dividir o protagonismo com sua cidade de origem no nome artístico: “A Ceilândia já nasce estigmatizada e influencia a minha poética. Essa é uma tentativa de mostrar a diversidade de expressões que nascem aqui e confrontar estereótipos”, diz.

GU DA CEIL

Por Sara Barreto
Fotos: Thaís Mallon



Rompendo os padrões da arte



O primeiro da família a seguir o caminho das artes, Gu recorda que o gosto pela criação surgiu ainda na escola, onde costumava se destacar em atividades criativas.

“As pessoas falavam: ‘nossa, você é muito bom nisso’, e esse reconhecimento foi me dando gosto.”

No entanto, a crença herdada por gerações de que a arte não seria uma fonte de renda adequada o fez, inicialmente, manter o talento em segundo plano. Em

2015, Gustavo decidiu cursar Comunicação Organizacional na Universidade de Brasília (UnB).

Foi durante a graduação que o acesso a equipamentos de fotografia o reaproximou da inventividade. “Peguei uma câmera emprestada, fui para a rodoviária tirar fotos e fiz umas colagens. Acho que esse trabalho me fez reencontrar a arte. Falei: ‘É isso que quero fazer.’”

Gustavo mergulhou em um processo de experimentação até conhecer o conceito de fotografia expandida: “É um trabalho artístico que começa na fotografia, mas não se limita e se expande para qualquer outra linguagem”, explica. A partir daí, ele entendeu que a Comunicação seria uma ferramenta para democratizar sua produção: “O consumo de arte ainda é elitizado e os espaços são muito centralizados. A Comunicação faz com que essas ideias alcancem mais pessoas”, complementa.

Todo dia um Gu diferente

Muitas versões da mesma história

Cria da CEI brincando no lixo

Solitário que não está só

Levar a Ceilândia no nome é uma homenagem, mas também uma missão: servir de inspiração para quem vem do mesmo lugar e ainda não acredita que as artes são um caminho possível.

“Me considero uma espécie de embaixador da Ceilândia.”

Quero mostrar que, além do rap e do repente, que já são muito fortes na nossa cultura, a gente também tem artistas visuais, cineastas e diversas outras linguagens.”

Gu observa que o universo das artes visuais no DF é um ciclo fechado e que, para um novo artista se inserir, o meio mais comum é o acadêmico.



Esse distanciamento dos moldes tradicionais fez com que ele só se reconhecesse como artista conforme recebia o aval externo de exposições e prêmios.

“Foi preciso coragem. É importante que a gente entenda que o que estamos fazendo é arte.”

Em 2021, Gustavo ingressou no mestrado em Artes Visuais na UnB, o que contribuiu para aprofundar a reflexão teórica sobre sua prática.

Arte conceitual

“A ideia e a informação são muito mais importantes do que a materialidade em si”, diz Gustavo. Seus trabalhos abordam temas como o direito à cidade, mobilidade e o resgate histórico do território. Para além da estética, o foco é o recado:

“Meu objetivo como artista é inserir no cotidiano das pessoas questões revolucionárias.”

E esse é o grande diferencial de Gu da Cei. Um de seus trabalhos mais conhecidos, o *Face recognition: insatisfação contravigilante* nasceu de um incômodo com o sistema de biometria facial instalado no transporte público do DF em 2018. “Fui a primeira pessoa a solicitar essas imagens para fins não policiais e as expandi para outras linguagens para discutir sobre a vigilância e essa lógica segregacionista de afastamento”, relata.

Ao projetar as imagens na Rodoviária do Plano Piloto, Gu uniu performance e denúncia para expor o controle dessas tecnologias sobre a rotina de quem depende do transporte público.

Em 2025, esse projeto ganhou um novo desdobramento. A convite da Access Now, organização internacional de direitos humanos e digitais, Gustavo deu vida ao *Manual da Pessoa Vigida*. Criado em formato de fotoperformance e intervenção urbana, o projeto utiliza a estética das fotonovelas.

Guiado pelo questionamento “o que fazer em caso de prisão injusta por reconhecimento facial?”, o manual oferece orientações práticas sobre como reagir a situações de violência policial e falhas tecnológicas: “Não é uma utopia, prisões por conta de erros de tecnologia já acontecem hoje”, alerta.





Mais do que contemplação, o trabalho de Gu é arte pensada como ferramenta de transformação e sobrevivência.

**Pegue o primeiro ônibus que passar
Pule as catracas da imaginação
Segura que o ônibus vai virar
Sem vaidade, vá de verdade
Descubra o novo**

A escultura *Sonho de Morar* (2023) é outro marco da produção de Gu da Cei. Estrategicamente localizada na área do Setor de Mansões IAPI, no Guará, a obra ocupa o território onde nasceu a Vila do IAPI, que abrigava os candangos removidos para a criação da Ceilândia. Ao estampar a frase "Ceilândia nasceu aqui", o monumento resgata a memória das famílias deslocadas pela Campanha de Erradicação de Invasões (CEI). Além da representação do sonho da casa própria e do direito à moradia, a peça é um símbolo de pertencimento e luta. "Foco muito na revisão histórica, na problematização desse título de invasores e, muitas vezes, até me aproprio dele para provocar as minhas ações", conta.

**Muitas ruas da Ceilândia não têm fim
De bicicleta, vejo casas que
gostaria que fossem minhas
Possuo o direito
Eu sou um assento de ônibus
Não estou reservado a mim**

A Praça do Cidadão sempre fez parte do cotidiano de Gustavo, mas ganhou novo significado com o Jovem de Expressão. Ao completar 18 anos, ele ingressou em oficinas do programa, como as de produção cultural, dança e teatro. Anos depois, Gu se tornou um dos idealizadores da Risofloras, a primeira galeria

de arte contemporânea da Ceilândia. Hoje, como curador, ele trabalha para tornar a arte menos intimidadora. "Muitas pessoas chegam na Risofloras e perguntam se precisam pagar entrada, porque a arte ainda é vista como algo distante. Nosso papel também é o de acolher para aproximar cada vez mais a comunidade."

Próximos passos

Para 2026, Gustavo planeja expandir suas exposições e circular com o filme *De Codó a Ceilândia* (2025), vencedor do 13º Curta Brasília – Festival Internacional de Curta Metragem. O documentário relata a vida de um casal que sai do interior do Maranhão com destino ao Distrito Federal. Grávida e sem apoio, a mulher encara a solidão do abandono e a dor da violência doméstica. Enquanto isso, o companheiro trabalha na construção civil, levantando paredes de casas que ele dificilmente poderá ocupar.

Mais uma vez, a trajetória de Gu se mistura à da cidade. O filme reconstrói a história dos pais do artista e a dele mesmo. Ao mostrar o contraste entre o sonho da casa própria e a desigualdade urbana, a obra ganha um desfecho simbólico: Gustavo registra o momento em que proporciona à sua família o tão sonhado lar.

A arte de Gu da Cei não conhece barreiras. Seja no audiovisual, na escrita, no analógico ou no digital, ele encontra meios de expressar a complexidade de si e do mundo que habita. "Quanto mais indefinida uma obra está, mais potente ela é. Quanto mais linguagens ela junta, mais potente ela se torna. Muitas vezes, dizem que o que faço não é arte. Mas se eu fiz as pessoas pensarem sobre o que é arte, eu já conquistei o meu objetivo. Como artista, eu preciso provocar as pessoas", reflete.

SAIBA MAIS
Instagram: @gudacei